



"Trenzinho",
papel-arroz,
1966, de
Mira Schendel

'Droguinhas' e um trenzinho: a metafísica de Mira Schendel

Atenção: a exposição de Mira Schendel na Galeria Thomas Cohn de Arte Contemporânea, termina sábado. Deve ser vista obrigatoriamente, pois Mira é uma das mais importantes artistas brasileiras da atualidade. Mira, que reside em São Paulo, é sabidamente uma artista intelectualizada, formada em Filosofia e com preocupações metafísicas. Sua especulação estética tem girado em torno do espaço (valendo como silêncio ou vazio) e do puro signo lingüístico. Estas especulações encontram no branco (do papel, da galeria) seu suporte e veículo.

A preocupação com o espaço fica nítida a partir da montagem desta sua exposição carioca. Aliás, já faz parte do folclore artístico brasileiro, o "sofrimento" de Mira para montar suas

exposições. Passa noites indormidas pensando no melhor lugar para colocar um desenho. Porém, no meu entender, na montagem atual ocorreram dois erros. Seu "Trenzinho", um varal que sustenta folhas brancas de papel-arroz, não poderia estar, como está, preso naquele cavalete negro. É muito pesado e desajeitado para uma obra tão leve e sutil. E também deveriam estar afastadas do recinto da exposição as duas cadeiras de plástico, negras. O cavalete e as cadeiras, perturbam o ambiente, que deveria ser absolutamente silencioso e branco. Aquelas folhas brancas no varal são como que emanções puras de uma energia primordial, uma espécie de excitação metafísica, algo ainda sem peso ou substância, puro tempo, puro espaço.

Rede jogada no vazio

As duas "Droguinhas" que aparecem penduradas por fios de nylon são uma continuação deste varal metafísico. Construídas também com papel, que se enrosca como panos ou cipó, constituem um emaranhado de nós, que não tem princípio nem fim. Como o Universo. São, também, pura trama, um *continuum* espaço-temporal. Uma rede jogada no vazio, para colher o Nada

Essas duas peças já foram apresentadas, em 1966, no Museu de Arte Moderna do Rio e, naquela ocasião, foram postas no chão, dadas à participação do público. Posso imaginar que as pessoas nunca encontravam o fio da meada — o fio da vida. Porém, mesmo sem ter visto a mostra do MAM, penso que assim como estão, agora, ficam melhor. A obra de Mira sugere mais a contemplação quieta e silenciosa, que a agitação sensorial e participante.

O "Trenzinho" e as duas "Droguinhas" ilustram o li-

vro do crítico inglês Guy Brett "Kinetic Art" (1968), que trata da "linguagem do movimento". O conceito que Guy Brett tem de arte cinética não se confunde com a idéia de que é aquilo que se move externamente por meio mecânico. "Buscar só o movimento é comportar-se academicamente", diz, sem, contudo, definir o cinetismo. Mas é fácil perceber que o crítico

londrino tem uma visão mais interna e sutil do que seja movimento, algo mais orgânico e biológico. Entende o cinetismo como uma forma de alargamento da percepção, um aprofundamento do viver. É neste sentido que ele acaba aproximando, com um certo pioneirismo, a arte cinética da "arte povera", e isto explica, também, porque ele analisa em seu livro a obra de Lygia Clark e Hélio Oiticica.

Falando das "Droguinhas", Guy Brett diz: "Elas não descrevem nenhum movimento particular, mas são uma contribuição vital para a linguagem do movimento, porque sua fragilidade e energia indicam o espaço como uma coisa ativa, um campo de possibilidades".

Em Mira, portanto, o sentido das coisas é apenas insinuado, sugerido. Fica por conta do espectador buscar a significação, ou simplesmente ficar na expectativa de que esta significação se manifeste, que irrompa subitamente, como um *insight*. Cabe a ele fazer as aproximações semânticas entre as formas geométricas esboçadas no papel, os traços, linhas, letras, números, sinais matemáticos que ela emprega nos seus desenhos. Na série de 13 desenhos colocada bem junto ao piso, a linha apenas sugere dois planos que ameaçam se tocar, o que só percebermos bem de perto. Há sempre um vazio entre linhas, entre formas, entre signos e sinais, entre o branco e o preto, entre o branco e o branco, entre fundo e superfície. É aí que Mira trabalha, no espaço entre *Não-objeto*: vazio, silêncio, branco, isto é, o que ainda não tem peso, forma, nome, significado, que é quase isto ou aquilo, que não é nada.

Por isso mesmo, porque Mira lida com quase-palavras ou quase-textos, fez bem a galeria em isolar, no pequeno *hall* de entrada, a série "Deus-Pai do Ocidente", na qual a artista, fugindo à sua maneira habitual de trabalhar, torna-se descritiva e ilustrativa. A tentativa de armar um discurso sobre o nosso desgastado Ocidente a partir de excertos bíblicos acompanhados de ilustrações não deu certo, em se tratando, claro, de Mira, uma artista sempre despojada, econômica, sutil.



"Droguinhas",
papel-arroz,
amarrado, 1966,
Mira Schendel